

Poeira de estrelas. O cinema hollywoodiano na mídia brasileira das décadas de 40 e 50, de Cristina Meneguello. Campinas, Editora da Unicamp, 1996.

Sheila Schwarzman*

Poeira de estrelas trata das implicações culturais da prática de ver filmes americanos nas cidades brasileiras. Sua abordagem não se prende à análise das influências de uma cultura dominante e “hegemônica” sobre a cultura de um país subdesenvolvido, ou das idéias similares que moldaram a pesquisa sociológica ou a própria história do cinema nacional nas décadas de 60 e 70, visão que a autora critica. Nesse trabalho, o que interessa é mostrar, a partir da circulação das imagens dos filmes hollywoodianos, como se forma uma rede de produção e consumo de signos que, ao permear o público, “produz o espectador”, segundo a definição da autora.

A partir dessa percepção e desse encadeamento, não há uma relação de submissão entre os produtores alienígenas, descarregando sua ideologia, e os receptores desavisados que são facilmente modelados pelo forte ocupante. Há, outrossim, o engendramento de um espectador que participa das próprias idéias que consome, incorporando-as segundo suas necessidades e seu universo cultural numa rede intrincada, onde o começo não está exatamente no estúdio de Hollywood nem o fim, na poltrona ocupada do cinema. Meneguello rejeita as abordagens de um nível de produção de imagens e outro de recepção das mesmas. Ela mostra que, na complexidade do funcionamento da cultura de massas, tanto as imagens de um filme ou as informações fantasiosas da vida do seu ator principal,

* Doutoranda em História pela Unicamp.

HISTÓRIA SOCIAL	Campinas - SP	Nº 3	201-203	1996
------------------------	---------------	------	---------	------

moldadas pelo *star system*, quanto a arquitetura e o cerimonial de uma sala de exibição são igualmente constituintes de um filme.

Desta forma, o cinema é tratado não só enquanto obra estética, mas também como um prisma de significações que estão dentro e fora da tela ao mesmo tempo. O cinema produz a si mesmo e ao seu público numa cadeia que vai desde os seus temas, a propaganda ou a indústria das “estrelas” e o seu culto, até a produção dos ideais de beleza, moda e comportamentos veiculados nas revistas femininas ou de cinema, cuja existência está diretamente atrelada. Nessa cadeia que não pára de se alongar, define-se e pode-se ver projetado também o “campo amoroso”, o sexual ou o moral.

A autora utiliza-se principalmente de revistas femininas (*A Cigarra*, *Momento Feminino*), revistas semanais de grande tiragem dos anos 40 e, sobretudo, *50 (O Cruzeiro)* e revistas de cinema cujo acento maior estava no culto às estrelas (*Cinelândia*, *Filmelândia*) ou que tinham maior preocupação crítica (*A Cena Muda e Cinédia*), e parte ao encontro do espectador e de suas falas. Valendo-se das cartas enviadas às seções de aconselhamento dessas revistas, muitas vezes respondidas pelos “astros de cinema”, a autora encontra fragmentos da mentalidade de uma época: os papéis sociais, a moral, o lugar do casamento e da virgindade, a maneira correta de comportar-se. Visto dessa forma, o cinema torna-se um entrecruzar de imagens que estão na tela e fora dela.

Se procurássemos uma imagem cinematográfica para o procedimento da autora, poderíamos lembrar de Rose de *a Rosa púrpura do Cairo*, de Woody Allen, que entra na história a que está assistindo para tirar personagens para a vida real, mudando o seu próprio destino e influenciando nos enredos dos filmes. A lembrança da imagem e sua evocação vêm justamente da liberdade que toma a autora em cruzar as fronteiras de um universo de existência fílmica e do que habitualmente se define como realidade. Meneguello reúne sob o mesmo prisma de análise os dois campos - os significados das imagens norte-americana e o que vê escrito nas cartas dos leitores brasileiros -, reconhecendo não haver um cinema que se faz em mão

única e que é mostrado ao público, mas, sim, idéias, saberes, afetos e interesses econômicos monumentais que circulam.

No entanto, embora sua análise esteja centrada na circularidade de idéias e valores, a autora inicia a obra lembrando justamente um grande desencontro, no qual a impermeabilidade de universos mentais é flagrante. Ela trata do grande aparato que os americanos colocaram em funcionamento através do cinema (quando o Brasil finalmente aderiu aos Aliados durante a 2ª Guerra Mundial), com a produção de filmes latinos (basta lembrar do sucesso de Carmem Miranda ou da criação de Zé Carioca). Esses filmes tornaram-se um dentre os gêneros de grande consumo da indústria cinematográfica americana e foram feitos para angariar a simpatia dessas populações em relação aos Estados Unidos. Aquelas imagens, porém, eram já, para o seu público alvo, o fruto acabado de um desentendimento. Mas a autora não transita por esses mares.

Meneguello fala de um povo persistente, batalhador, que cultua o lar, a igreja, a família e a comunidade. É sobre esses valores, seus heróis e anti-heróis (como o adolescente rebelde ou a *girl*, a nova expressão da mulher nos anos 50, a quem dedica um capítulo) que ela estabelece os contatos, e não nas tentativas de representação que os americanos realizaram sobre nós. Se assim fosse, o foco estaria dirigido a Orson Welles e a seu *It's all true*, mas esse documentário não foi sequer aceito pelo estúdio e ficou inacabado.

Nesse “desmontar” de uma época a partir do cinema nos surge a competição entre Rio de Janeiro e São Paulo com seus principais acontecimentos sociais, como o Quarto Centenário, a vida das boates carioca (onde reina Dolores Duran) e o início da Bossa Nova, e também, o que a autora nomeia de “clichê histórico”, o mito dos “Anos Dourados” com seus desdobramentos até os dias de hoje.

As ilustrações dão conta dos mecanismos da mídia no processo: o anúncio da beleza de *lingerie* e do sabonete preferido das estrelas, as fotos produzidas pelos estúdios. *Poeira de estrelas* traz também a memória e, até, uma certa nostalgia de um tempo em que era ainda o cinema que produzia as ilusões.